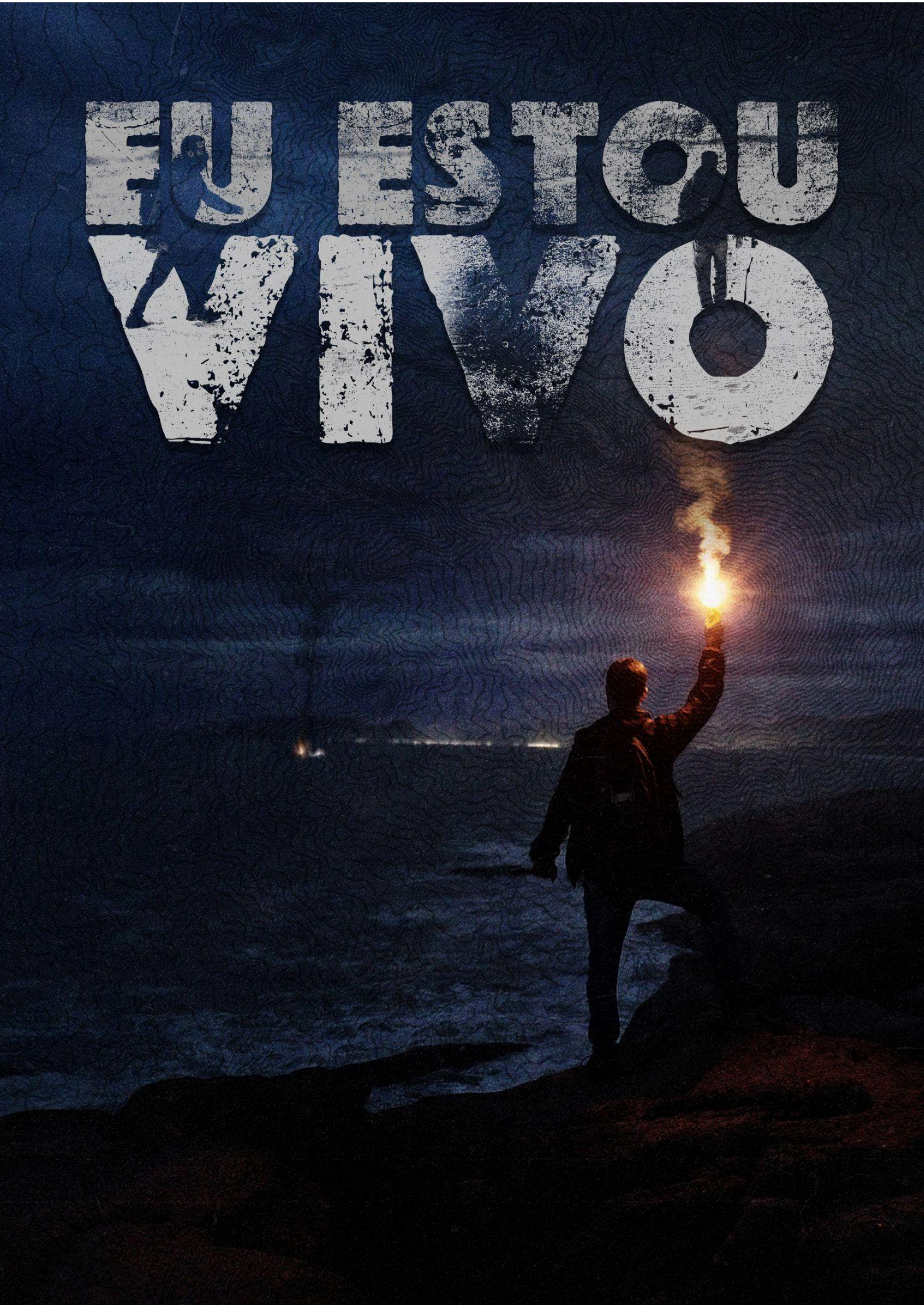
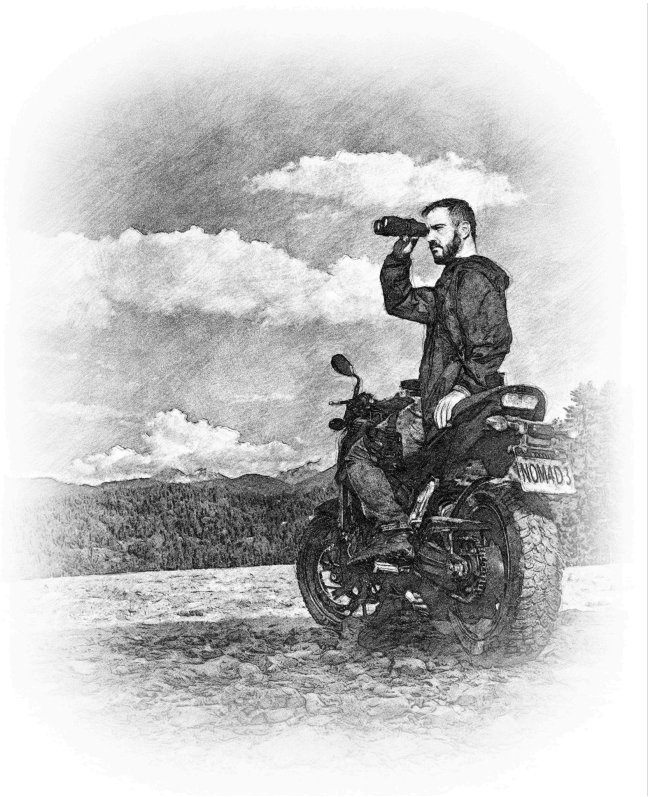

EU ESTOU
VIVO




# Capítulo 1 — Ruínas

Eu estou vivo, estou? A guerra acabou.
Ou pelo menos é o que aparenta.

Não houve celebração. Só silêncio.
Os tiros cessaram, as explosões pararam, e o mundo... parou junto.

Cidades inteiras foram engolidas pelo mato. Estradas desapareceram sob a poeira e o tempo. O concreto cedeu. Os postes tombaram. A eletricidade morreu como um animal velho e ferido. E as vozes — todas elas — sumiram.

Ninguém sabe quem venceu. Talvez ninguém tenha vencido. Aonde está todo mundo?

Estou na estrada há semanas.
Minha única companheira, a moto, a placa N0M4D3 ainda resistia, presa por parafusos frouxos. Era mais que uma placa, era um nome
O tanque está quase vazio. A última vez que vi alguém foi... mês passado? ou será que foi no outro?
No início, eu procurava sinais: uma fumaça distante, pegadas frescas, até mesmo uma caixa caída no chão. Hoje, tudo parece antigo. Enferrujado. Esquecido. Algo diferente está no ar, um cheiro metálico ou fumaça?

Hoje, a moto roncou mais baixo. Como se também estivesse cansada.

Os mapas não servem mais. O mundo mudou.
Uma bússola ainda serve.

A mochila pesa menos do que deveria — isso é ruim. Estou ficando sem coisas importantes, ou perdi algo?
Água, comida, bateria, paciência.

Hoje, parei sobre uma elevação. De lá, pude ver o que restava de uma cidadezinha distante — coberta de névoa, como se estivesse se escondendo de mim.
Não deveria haver um rio aqui?
Tive a impressão de ver um avião passando.
Anotei no diário

> *Registro 52*
> *Direção: Leste*
> *Combustível: 1/4*
> *Localização estimada: ???*
> *Vento: Leste*
> *Horário: 0900*

Ainda me pergunto se devo continuar escrevendo.
Às vezes escrevo menos com lógica, questiono o próprio diário. Misturo fatos com memórias ou alucinações.
Mas se um dia alguém encontrar este caderno…
Talvez entenda que alguém passou por aqui.
Que alguém resistiu.
Nem que por um tempo.

Estou ficando sem páginas.

Fechei os olhos por um momento. Respirei fundo.
Por um momento não senti cheiro de fumaça.
O cheiro de terra era forte. Real.
O mundo ainda está aqui. Diferente. Mas aqui.

Eu estou vivo.
Seguimos a leste.

# Capítulo 2 — O Silêncio

A moto tossiu .Não foi falta de gasolina. Nem um estouro
Apenas um suspiro longo… e silêncio.

Morreu no meio do nada.
Desliguei o painel, desmontei devagar.
Já esperava por isso, mas o silêncio que se seguiu era um tipo diferente de dor.
Removi a placa. Não ia deixar para trás.

Dois caminhos.
Pelo asfalto rachado, curto, perigoso, rachaduras anormais, pareciam armadilhas.
O deserto era honesto. Longo, vazio, ele não fingia ter nada além de areia.

Escolhi o deserto.

Caminhar em linha reta, por entre pequenas dunas, parecia seguro.
Nada de construções, nada de cruzamentos. Nenhum lugar para alguém se esconder — ou espreitar.

O silêncio era uma pressão nos meus ouvidos.
Não se pode fugir do silêncio; ele te persegue.
Pesava nos ouvidos e abafava meus próprios passos.

A areia mudou de cor. Do dourado do sol ao vermelho, e então para o cinza.
O peso da mochila. Saliva secando.

Perdi a noção do tempo.
Sentei sob uma pedra larga. Talvez uma hora. Talvez mais.
Fechei os olhos e ouvi… nada. Nem vento.
O mundo parecia ter prendido a respiração, esperando, assim como eu.
Me levantei e segui.

Ao anoitecer. Começa a esfriar.
Olho para o céu, vejo algumas estrelas distantes.
Meteoros? Ou seriam satélites caindo? Satélites caem? Vou perguntar para alguém algum dia.
Fiz fogo com um galho e uma mistura de isopor com gasolina — um truque antigo.
Comi o último pacote de biscoito sem olhar a validade, não estava bom.

Anotei:

> *Registro 53*
> *Direção: Leste.*
> *Água: 1/2 garrafa*
> *Moto: 5km oeste, atrás de uma árvore caída*
> *Horário: 2000*
> *Vento: Sul*
> ~~*Satélites caem?*~~

Sonhei com vozes, e com um cachorro?
O ar ficou mais frio e o céu começou a nublar.
Acordei cedo e segui.
Apenas segui.

Escuto um impacto leve no chão, a placa da moto rasgou a mochila. Quanto alimento perdi? O que mais perdi?
Talvez a placa devesse ter ficado lá, junto com a moto. Deixar as coisas para trás.

O céu indica: vai chover.
Penso comigo, quanto tempo até chegar? Nas circunstâncias normais seria uns 3-4 km por hora, mas no deserto cada passo que dou, deslizo para trás, então 1.5-2 km por hora.
Começo a contar os passos. Um, dois, três…
Meus pés se arrastavam na areia. A bússola girava demais.
Aquela árvore é diferente.
A vegetação está mudando.

Reconheci uma planta.
Já vi uma dessas no quintal da minha avó.
Chamavam de “pé de Iraque”.
Nunca soube por quê...
— ah, é — meu tio-avô foi pro Iraque uma vez. Trouxe uma muda de lá.
Tamareira anã, se não me engano.

Tinha algumas frutinhas.
Provei uma. Doce.
Lembrava mel.

Me perguntei por quanto tempo mais o mundo deixaria essas pequenas gentilezas espalhadas por aí.

# Capítulo 3 — Wilson

Caminhei o resto do dia.
A areia cedeu lugar a rochas e cascalho.
E então, o cheiro veio até mim: sal, algas. A garoa começou.

Eu cheguei à costa. Mas o mar não era novo para mim.
O mar sempre pareceu o fim de tudo.
Uma linha infinita que diz: daqui em diante, não é mais contigo.

Sentei nas pedras por um tempo.
O vento estava forte.
O som das ondas era... diferente. Como se estivessem batendo em algo oco lá no fundo.

Comecei a procurar.
Rastros, destroços, lixo, qualquer coisa que mostrasse que alguém — qualquer pessoa — havia passado por ali.
Nada.

Encontrei uma ostra presa entre duas pedras. Abri com o canivete, um som de lâmina e carne, ela se soltou com facilidade.
O gosto era amargo e doce ao mesmo tempo.
Poderia estar estragada. Poderia ser meu último erro.
Mas comi.

Achei abrigo em uma pequena caverna, tinha algumas marcas na parede, desenhos, eu não dei muita atenção.
Estava cansado, por hoje chega, melhor sorte amanhã.

Continuei caminhando, seguindo a linha das pedras, meio que ao norte, meio que ao leste.

Em uma pequena praia, entre rochas cobertas de limo, algo me chamou atenção.
Era redondo. Branco, sujo.
Achei que fosse uma bola de praia.

Cheguei mais perto. Tinha marcas. Riscos.
Duas cavidades escuras onde deveriam estar os olhos.
Um sorriso torto, desenhado com algum tipo de tinta vermelha — já quase apagada.

Mas ainda sorria.
Me encarava. Eu encarei de volta.

Não senti medo. Senti… companhia.

Peguei com as mãos, limpei na água salgada.
Apertei contra o peito por um instante.
Era leve. Mas parecia pesar mais.
Me lembrei de um filme.

Chamei de Wilson.

Fiquei ali, sentado.
O mar à frente.
Wilson ao lado.
Wilson não fala. Mas escuta.
Ele me entende. Talvez porque não precise entender.

Anotei

> *Registro: ~~Wilson~~ 54?*
> *Local: Norte/Leste depois do deserto*
> *Comida: ostra e pé de iraque*
> *Sinais de vida: Wilson*
> *Horário: 1700*

Pelo menos, agora, eu não estou falando sozinho.
Como você chegou aqui?
De onde você veio?
Qual sua música favorita?

Aos poucos fomos encontrando algas, são comestíveis? Fui coletando, algas vermelhas, verdes e marrons.
Wilson acha que é uma ideia ruim.

Chegamos no limite da costa, ao sul, a praia que percorremos, ao norte, mar, ao leste, mar, ao oeste, uma construção.
Vou parar por um tempo, ferver um pouco de água do mar.
Bem distante vejo um vulto, um barquinho.
Pela velocidade deve chegar aqui em algumas horas.

Fervi algumas algas, pareciam repolho refogado.
Comi, não tinha gosto de repolho refogado.

Encostei a cabeça na mochila e cochilei por um momento.
Acordei, já era noite.

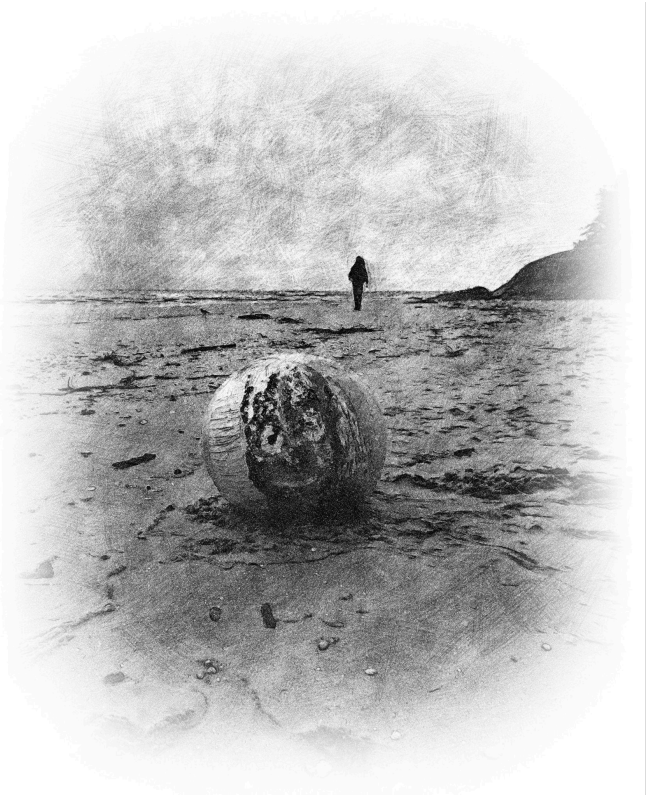
O barco está perto. Um sinalizador funciona?
Puxo a cordinha, o flare acende, um brilho forte laranja, não tem como não enxergarem.

O barco muda a rota, em direção atrás da fortaleza.
Sumiu na curva escura da estrutura, engolido pela noite.
Não me viram?

O sinalizador queimou até o fim.
Senti o vento mudar.
Talvez fosse só o frio da noite.

Caminhar no escuro é ruim.
Encostei Wilson perto da mochila.
Me deitei sobre a mochila ao lado da fogueira apagada, cobri o rosto com o braço.
O mar ainda fazia barulho, como um animal sonolento.
No horizonte, relâmpagos.
Fechei os olhos devagar.

Boa noite, Wilson.



# Capítulo 4 — Fortaleza

Acordei com ânsia.
Gosto metálico.
Sinto tontura.
Cheiro de fumaça. Fraca, distante, mas real.

O céu acinzentado, o sol esqueceu de nascer.
Wilson continuava ali, encostado na mochila.
A maré havia recuado um pouco — marcas de água desenhavam ondas na areia.

Levantei devagar, corpo pesado.
Os músculos rígidos lembraram que eu ainda existia.

Olhei para o alto.
A fortaleza se erguia à minha frente — cinza, rachada, coberta de musgo e silêncio.
Talvez fosse um posto militar. Talvez uma base abandonada antes da guerra.
O portão principal havia desabado para dentro.
Subi pelas pedras com cuidado.
Wilson preso na alça lateral da mochila.

Mas algo novo tremulava no topo: um pano remendado.
Não estava lá ontem.
Lá de cima vi o mar inteiro.
E fumaça. Algo ainda fumegava.
Desci, escorregando por entre pedaços de ferro retorcido e trilhos enferrujados.

Era o barco meio submerso.
Do casco saia um fio de fumaça escura, ainda queimado.
Cheguei perto, gritei.
Ninguém respondeu.

Ao redor do casco, no cascalho úmido, havia marcas frescas.
Um risco longo, como se algo pesado tivesse sido arrastado. Mancha escura em gotas espaçadas, sangue.
Pegadas de bota. Direção à fortaleza.

Tentei subir, mas a madeira molhada me derrubou.
Com ajuda de uma das cordas consegui.
Nada de mapas. Nada de nomes.
Peguei o que pude: um rádio quebrado, botas molhadas, uma máscara de gás.
O barco não demorou muito para afundar.

Wilson ficou na margem, observando.

> *Registro ~~54 57?~~ 55*
> *Local: Fortaleza abandonada*
> *Aquisição: máscara de gás, rádio quebrado*
> *Barco afundou*
> *Horário: 1000*

Subi pelas paredes rachadas da fortaleza.
Pássaros circulavam lá no alto. O pano no mastro se movia.

Entrei por uma brecha no muro lateral. O corredor tinha um cheiro denso: ferrugem, poeira, e algo adocicado, podre. No chão, mais sinais.

No canto de uma sala, entre uma mesa tombada e restos de cabos, achei um aparelho: pequeno, metálico, o visor rachado.
Um contador Geiger. A luzinha vermelha ainda piscava, fraca.

Quando o movi, o bip acelerou.
E junto veio o estalo irregular que só se ouve quando alguma coisa invisível está queimando o ar.

Algo estava ali. Talvez algo que nunca deveria estar.
Radiação.

No registro adicionei:

> *Radiação: 3.6 roentgen. Não é ótimo, não é terrível*
> *Condição: pegadas frescas, arrasto, sangue*
> *Horário: 1300*

Segui os pingos de sangue onde o piso cedia, na direção de uma plataforma que dava para a lateral oeste, perto da antena caída.
A cada passo, o bip do Geiger se transformava em um aviso: 6, radiação subia.
O ar tinha um gosto de ferro e sal.
Coloquei a máscara de gás.

Os pingos terminavam numa área onde o chão parecia ter derretido.
Fissuras pequenas revelando metal estilhaçado.
O bip do Geiger disparou, 18 roentgen.
O ruído era ensurdecedor.
Recuei.

O corredor seguia para um trecho onde o muro está lascado, instável.
Mas o Geiger não mente: a radiação subiu rápido o suficiente para eu perceber.
Não é só poeira.
É a morte.

Tinha uma decisão: seguir e tentar entender o rumo de quem passou aqui.
Ou voltar deixando o mistério para outro dia.
Dei uns 20 passos atrás Respirei fundo.
O bip diminuiu.

Sentei no muro, ao lado da antena caída.

Wilson olhava para o caminho.
Talvez eu precise parar de falar com objetos.

Hoje eu fico na fortaleza?
Ou eu sigo onde o bip pede pra não ir?

Boa pergunta.

# Capítulo 5 — BIP

Wilson ficou no muro.
O ar dentro da fortaleza pesava.

Corredores estreitos, paredes úmidas.
Alguns cômodos fechados pelo entulho.
O eco dos meus passos parecia mais alto do que deveria.

Encontrei uma porta de metal.
O bip do Geiger aumentou. Tenho que ser rápido.
O cheiro era denso.
Coloquei a máscara.

No centro, uma mesa enferrujada.
Facas sem corte, colheres tortas, panelas com crostas pretas.
Me apoiei na mesa.
Foi quando senti uma pontada na mão. Um corte, aberto.
Um lembrete de que não sou indestrutível. Tenho que ser mais cuidadoso.
Enrolei a mão em um pano.
Senti o sangue esquentar.
Livros e papéis no chão.

Em uma prateleira inclinada: Uma lata fechada, rótulo apagado.
Eu segurei a lata com a mão boa, evitando a ferida na outra.
No canto, um gerador manual de manivela.
Coberto por uma fina camada de poeira, mas intacto.
Girei devagar. O eixo rangia, mas girava.

Primeiro, só estática.
Continuei girando.
Nada.
Mais rápido agora — um bip.
Curto. Frio.
Parei, esperei.
Silêncio.
Girei novamente. Nada além de estática.

A dor na mão latejava, sincronizada com o meu coração.

Ao lado da porta, um pedaço de papel escrita às pressas:

*"27°25'54.2"S 48°31'04.3"W"*

Fiquei olhando para os números. Coordenadas.
O geiger me lembra: Chega.
Volto ao corredor.

Wilson não estava no muro.

Olhei sobre o muro. Vazio.
Procurei nos cantos. Nada.
O vento soprava em direção ao mar.

Chamei seu nome, baixo, como se tivesse vergonha.
O som voltou em eco.

Nada na areia.

Sentei no chão.
Wilson não anda sozinho.
Wilson não sumiu sozinho.
Eu perdi, Wilson.

No caderno, escrevi:

> *Registro ~~Wilson~~ 56*
> *Radiação: 6*
> *Sinais: ~~27°22'~~ 27°25'54.2"S 48°31'04.3"W*
> *Wilson?*
> *Ferimento: mão direita*

Fiquei encarando o mar por longos minutos.
O bip do gerador voltou à memória, repetindo-se dentro da minha cabeça — mas eu sabia que não tinha se repetido de verdade, na verdade, nem sei se ouvi?

Talvez fosse só estática.

Talvez esteja ficando louco?

Tenho que me concentrar, vamos lá, onde eu estava indo mesmo?

A fortaleza parecia maior, mais vazia.

E agora, realmente, eu estava sozinho.

# Capítulo 6 — Neblina

Acordei com dor.
Não era apenas o corte, a pele queimava, quente e vermelha, latejando.

Infecção.

O sol não nasceu.
O céu estava escondido por uma camada espessa de neblina.
O som das ondas parecia distante.

Pela primeira vez em muito tempo, ouvi um latido.
Baixo.

Segui o som até fora da fortaleza.
A rua estava tomada por escombros, postes caídos, um rastro de destruição.

O cachorro estava ali.
Parado, magro demais, o pelo grudado ao corpo pelo peso da água e da lama.
Um olho claro, o outro escuro, refletindo a névoa.

Era o cachorro dos meus sonhos.

Não rosnava.
Mantinha a cauda baixa e o olhar fixo em direção a uma garagem à frente.

Ele latiu de novo, urgente.

O vento mudou de direção e trouxe junto o som frágil de uma sacola de plástico.

Caminhei devagar, olhos grudados naquela sacola.
Então, um rato saltou da sacola e correu.
O cachorro disparou atrás, desaparecendo.

A dor aumentou.
Voltei a olhar para minha mão.

Vi o cachorro se aproximando.
Está com fome? Comida?
Pensei em abrir a lata que carregava. Decidi abrir.

Dividi a refeição com ele — uma lata de grão de bico.
Ele não parecia gostar, mas comeu, desconfiado, pouco a pouco.
Eu gostei.

Continuei olhando ao redor, sendo guiado pelo cachorro.
Deveria lhe dar um nome.

Um mercado destruído.
Geiger mostra 6 roentgen.
Cheguei até a porta, o cachorro não quis entrar.
Confiei nele.
Seguiu andando, olhando para trás.
Como se me guiasse.

Entrou em uma casa verde.
Chuva aumentava, assim como a radiação que sentia no ar.
Na porta da casa olhei o Geiger, 0, bom sinal.

Dentro da casa, poucas coisas: papéis para anotações, lata na geladeira,remédio para dor. Tomei.

Encontrei dentro de um pote de bolacha, agulha e linha.
Procurei pelo nome do cachorro. Nada.

A chuva tamborilava forte do lado de fora.
Vi uma porta de um quarto com uma fresta entreaberta.

Caminhei em direção a porta, vi um braço. Gostaria de não ter visto.
Era o fim.

Em um só bilhete, histórias se misturavam em poucas linhas.
Um resumo de uma vida inteira.
Uma foto, casamento.

A mão que escreveu isso já não tremia mais.
Até o último momento o dono resistiu.
No fim, o pedido:

*Ficar com a esposa no jardim.*

Olhando pela janela não vi nada, em outra janela vi.
Terra mexida e uma flor amarela.
Era um pequeno memorial.
Uma promessa.

Cavei.
Lobo deitou-se ao meu lado, a cabeça na pata.
Ele não se importava com a chuva.
Eu também não.

Minha mão direita, machucada mas sem dor.
O som da terra molhada se soltando era o único som, além da chuva.

Senti o cansaço do corpo, o suor na testa, mas não parei.
Era um ato de respeito, de humanidade.

Demorou quarenta minutos para cavar.
Cinco para levar o homem até sua amada.
Deixei o corpo deitado, ao lado do outro que estava debaixo da terra mexida.

Do pó ao pó.
O cachorro parecia entender.

Coloquei mais uma florzinha amarela para finalizar o trabalho.

Adeus.

# Capítulo 7 - Ponte

Anoitecia devagar.
Sentei ao lado da janela, olhando a penumbra só conseguia pensar no velho.
Tenho que me distrair.
Lembrei da mochila rasgada, comecei a costurar.

Um ponto de um lado, um do outro, tentando manter a mesma distância.
Continuo costurando, cinco, seis, sete, oito. Parei.
A dor na mão dominava. Levantei, frustrado.

Vejo minha ferida, infeccionada.
Pego minha faca, quando eu lavei pela última vez? Guardo.
Pego outra faca, da gaveta, limpa.
Vejo no canto uma garrafa, Vodka. Álcool puro.
Bebi um gole, nada mudou.
Fiz um pequeno corte na pele para tentar tirar o que podia estar ruim ali dentro.
Raspei com a lâmina, limpando o ferimento aberto.
Derramei o líquido no corte.
Arde. Queima como se queimasse a dor junto.
Coloco água limpa.
Pequeno curativo com tecido, fita.
O cachorro me olhou o tempo todo.

Voltei à costura, até o final e voltando para o começo.

Naquela noite, não escrevi uma palavra.
Adormeci.
O cachorro também.

Pela manhã, sem neblina, sem chuva.
Distante, encostado, estava um caminhão velho.
Saí da casa, sem olhar para trás.
O cachorro parou, farejou o ar e veio junto.

Entrei no caminhão com cuidado.
Cheiro de mofo.
No baú, algumas caixas de papelão e roupas: uma jaqueta, calça, blusa.

Vejo uma ponte.
Curvada, alta.
Grande cratera bem no meio.
Sentei na lateral.

No chão, um tubo.
Me abaixei e peguei. Restos de um rifle.
Jurei que não pegaria armas, mas... talvez precisasse.
Coloco na mochila.

Me aproximo da cratera, o cachorro não.
Chamo por ele. Nada
Bilu? Nada
Paçoca? Nada.
Lobo? Ele olha.
Só pode ser coincidência.

Caminho até ele.
Vou te chamar de Lobo.
Abaixei para pegá-lo, desconfiado.
Segurei no colo.

Perto da cratera, Lobo tentou escapar.
Não tinha como.
Olhei para o abismo aberto à nossa frente.
O próximo passo seria o mais difícil.

No momento que pulamos para o outro lado, ouço o motor.
Não um, ou dois, mas três.

Não consegui ver.
Ouvi gritos.
Lobo atento, reconheceu a voz?
Desespero seguido por um nome e uma súplica 'Pai...?' Ou seria 'Não...'?
O grito era tão forte, tão rasgado, que a palavra se partiu em duas.

Subi em um carro para olhar, então, ouvi.
“Ali, foi ele” seguido por um estalo sônico, e eco do disparo.

Comecei a correr.
Ouvi diferentes disparos e zunidos.
Pulo a proteção da ponte, arbustos, sinto algo como um soco.
Não posso perder tempo.
Tropeço.

A queda foi um instante.
Depois, o rio.
A água era gelo e peso.
A corrente me puxou para baixo, girando.
Abro a boca para respirar e engulo mais água do que ar.

Tudo ficou mudo.

Sinto uma mordida. Lobo.
A dor não era de um dente afiado, mas de um aperto firme.
Ele tentava sobreviver.
Eu também.

Eu não conseguia lutar, nem lutar contra o peso da minha mochila, ou a correnteza, eu sentia a água gelada, e o corpo pesado.

Eu estou morrendo

A frase ecoou na minha cabeça, mas não como um pensamento — era um fato, simples e brutal.

Minha garganta queimava.
Meu peito era uma caverna vazia.

A morte não é como eu imaginava.

Não há túnel, nem luz. Não há escuridão.
Tudo fica um azul profundo.

Tudo se mistura, o físico, as ideias, as lembranças de quando eu era pequeno, os pensamentos, sons, palavras, cores, vi minhas anotações se espalhando.

Tudo se misturava.

O frio da água e o calor do sangue.
O gosto de ferro e o cheiro de terra.
A leveza dos meus próprios membros, já sem força, já sem dono.

O som desapareceu por último.

Me vi flutuando, lentamente, Lobo ao lado, itens da mochila se espalhando.

Não há pressa.

Não há dor.

Não há nada.

Só o vazio.

E, uma pergunta que nunca teria resposta:

*"Quando foi exatamente que eu parei de lutar?"*

# Capítulo 8 - Morte

Escuto o vento.
Isso é um sonho.
Tento levantar, o corpo falha.
Músculos não obedecem.
Tento girar o tronco e consigo ver o céu.
Nuvens lentas.
E o sol.
Ah, o sol.
Ouço água correndo.
Ou é sangue? Não, é um rio — o rio? — mas quando viro a cabeça, não há rio.
A terra está viva.
Respira. Se expande. Se contrai.
Sinto o cheiro dela: pão queimado e infância.
Algo familiar, mas quando tento me agarrar, ela escorre entre meus dedos.
Isso ainda é um sonho.

Lembro de pessoas.
Familiares.
Namoradinhas antigas.
Mas não têm rostos. Só bocas sorrindo, mãos estendidas, e quando tento pegá-las, viram fumaça.

Abro os olhos.
O vento, o sol, as folhas… tudo está ali.
Sobrevivi.
Não era um sonho.
Só preciso me recuperar.
Pois… acabei de morrer.

Sento encostado ao tronco de uma árvore.
O chão ainda gira.

— Lobo?

Minhas coisas estão espalhadas.
Mochila, faca, cantil, tudo sujo de lama.
Machadinha. Não é minha. Agora é.
A garganta está seca.
Engraçado… só agora percebo que estou desidratado.

Abro o diário, com a mão trêmula, e anoto:

> *Registro 01*
> *~~Azul escuro~~ Obrigado.*
> *Perto da ponte, mas não da água*

Olho para a frase.
Não lembro por que escrevi.
Fecho os olhos por um instante.
Passos.
Olho para o lado.
Lobo.

Está ferido? Mancha escura no pelo, na altura da pata.
Chega perto, senta.
Me encara.
Nem medo, nem confiança.

Tento esticar a mão, mas o ombro dói.
Pego um pedaço de pano e molho com a pouca água que restou no cantil.
Limpo o pelo devagar.
Ele não se afasta.

O vento muda.
Cheiro de terra molhada.
A floresta parece esperar.

Vejo um pé de limão, não muito longe.
Apanho um.
Mordo.
O ácido explode na boca, queimando a língua, puxando saliva de onde não havia.
O corpo reage como se tivesse levado um choque.

Reúno alguns galhos secos, úmidos por dentro.
Faço uma pilha improvisada e risco a pederneira.
A primeira faísca morre.
A segunda também.
Na terceira, a fumaça sobe, ácida, entrando pelos olhos.
O calor é tímido.

Me aproximo da água.
Puxo um pedaço de pano e o amarro sobre uma garrafa quebrada, improvisando um filtro.

Abro a mochila, espalhando o que restava dentro.
As roupas estão pesadas, frias.
Troco a camiseta por uma menos molhada.
Estendo as outras sobre uma pedra quente, no sol.

Sento, observando o vapor subir.
O calor nas costas é quase um abraço.
Olho ao redor.
Placa da moto, guardo.
O relógio morreu.

Penso no que aconteceu.
Ponte. Arbusto. Barro. Queda.
Lobo estava… atrás. Não caiu, me seguiu.
Ainda tem sol. Por quanto tempo apaguei?
O rio segue sentido sul. Ainda é julho?
Adormeci sem respostas.

# Capítulo 9 - Lobo

Bom dia, Lobo.

Seguimos o rio, direção sul.
Lobo farejava, mas de repente mudou a direção.
Foi para leste, sem olhar para trás.
Marcas no chão.
Um círculo de pedras queimadas.
Restos de ossos de peixe, brancos, quebradiços.
Alguém esteve aqui.
Talvez faz muito tempo.

Lobo começou a cavar ao lado de uma raiz grossa.
A terra úmida.
Ajudei, tirando as pedras maiores.

Uma caixa.
Pequena, de metal oxidado.
Dentro, uma fotografia desbotada. A foto mostrava duas pessoas — um homem e uma mulher — com o rio atrás deles.
O anel era fino, sem gravação.
Uma chave pequena. Não parecia de porta.

Um recorte de jornal dobrado em quatro. 18 de setembro.

*"Evacuação obrigatória decretada"*.

E um pedaço de papel amassado me chamou atenção.

*"O melhor está por vir."*

Essa frase me lembrou de alguém.

O som do rio continuava igual.
Mas não parecia o mesmo lugar.

Lobo correu, fui atrás.
Golpe de sorte.
Um peixe se enrolou em um plástico.
Lobo não esperou, não podia esperar.

No outro lado do rio, metal, madeira e pedra.
Trilhos.
De onde? Para onde?

Andamos por um tempo.
Penso e lembro, de comida, de carros, de pessoas.
Elas não imaginavam o que aconteceria, era como se a guerra fosse apenas algo distante e não uma ameaça real.

Escorrego. Isso me acorda.
Tenho que focar no presente.
O trilho faz uma curva.

Sinto um arrepio. Não é o vento.
A curva revela a ponte.
Não tem rio.
Apenas silêncio.

Abro o diário.
Volto uma página atrás.

*"Perto da ponte, mas não da água*."

Vejo o trem.

# Capítulo 10 - Trem

No trilho, trem.
Ao lado direito, a poucos metros dos trilhos, um vagão de carga.
Não em cima dos trilhos, mas tombado de lado, afundado parcialmente no barro.
A pintura, descascada, cores antigas: vermelho, verde, cinza.
As portas estavam abertas, mas não escancaradas.

Aproximei devagar.
O cheiro era de madeira molhada.
Subi no vagão.
Caixas abertas, algumas caídas.
Papéis jogados.
No canto, uma garrafa de vidro, vazio.
Um som baixo, elétrico, veio do fundo do vagão.
O ruído era de estática.
Rádio portátil, pequeno, ainda ligado.
Guardei.
Uma jaqueta rosa no chão, limpa, com um rasgo.

Lobo me esperava perto do resto do trem.
Subi os degraus de metal.
Cheiro de óleo

No trem um corredor escuro, poltronas rasgadas.
Brinquedo. Um avião de madeira, pintado de verde.
Mais adiante, o vagão-restaurante.
As mesas ainda estavam no lugar.
Sentei-me em uma das cadeiras, o estofado cedendo sob meu peso.
Por um momento, tentei imaginar pessoas aqui. Risadas, vozes, a pressa de uma vida normal.
A imagem se dissolveu com um barulho fora do trem.

O som dos passos nos trilhos ecoava longe,  fui até a janela para ouvir melhor.
Nada. Só o vento.
Lobo não reagiu.

Saí pela porta da locomotiva.
Pegadas. Segui.
A cada curva, as pegadas reapareciam, às vezes com marcas frescas.
Outras vezes, desapareciam, mas sempre voltavam.

Depois de um tempo, encontrei outro sinal: um pedaço de corda desfiada.
A fibra parecia ter sido puxada há pouco.

Continuamos.
Atrás de nós, um ruído, mais uma vez.
Dessa vez, Lobo percebeu.
Parou, orelhas erguidas, corpo tenso.
Olhou para trás, depois para mim.
Nada no horizonte.

Segui andando, mas mais devagar.
A sensação de ser observado gruda na pele.

Quando o sol começou a afundar atrás das árvores, decidimos parar.
Encontrei um trecho longe do trilho.
Montei um abrigo improvisado com lona, prendendo as pontas em dois galhos.

Acendi uma fogueira pequena, escondida por pedras, e aquecei água no cantil.
Lobo ficou deitado, mas os olhos não fechavam por muito tempo.

Estou sem comida.

Anotei no diário, sem pensar muito nas palavras:

> *Registro: 61*
> *Local: trilhos, trem, direção leste*
> *Sinais: pegadas recentes, ruído atrás, duas vezes*
> *Rádio, frequência 121.5 MHz*
> *Comida urgente*

A noite caiu de repente.
O escuro engoliu a paisagem em menos de um minuto.
A fogueira virou o único ponto de luz, pulsando fraco.

Por um tempo, só ouvimos o vento e o estalar leve das brasas.
Depois, algo quebrou esse ritmo — um estalo seco, como graveto partido.
Lobo levantou a cabeça, o olhar fixo para além do mato.

Esperei.
Mas nada.

Deitei, mas o sono não veio inteiro.

Então, outro som — mais próximo.
Passos leves sobre o cascalho.
Não um animal correndo… mas algo que sabia onde pisar.

Me levantei devagar, machadinha na mão.
A fogueira quase apagada deixava tudo numa penumbra pesada.
Olhei para onde Lobo encarava.
Nada.

Só o mato balançando devagar, como se alguém tivesse acabado de passar.
Ficamos assim até clarear o dia.

Quando o vento mudou, por um instante, senti o cheiro de fumaça… mas não havia fogo.

# Capítulo 11 - Vestígios

O dia não nasceu de uma vez.
A claridade chegou devagar, arranhando o céu com um cinza que não aquecia.
O frio da noite ficou preso no mato alto, e a lona estava coberta de orvalho.

Levantei primeiro.
O corpo inteiro pesava como se eu não tivesse dormido nada — e talvez não tivesse.
Lobo já estava em pé, andando em círculos lentos, farejando o chão.

Foi então que vi.
A menos de dois metros da fogueira apagada, no espaço de terra limpa onde não havia mato, duas marcas.
Pegadas.
Não eram minhas, nem de Lobo.
Eram estreitas, profundas no calcanhar, como se a pessoa tivesse parado ali, apenas observando.

O barro ainda estava úmido dentro da marca.
Isso não era de ontem.
Era de poucas horas.

Olhei ao redor.
Nenhuma outra pegada visível — como se tivesse surgido ali e desaparecido no mesmo ponto.

Guardei a lona e amarrei o cantil na mochila.

Seguimos pelos trilhos.
Buscando por comida.
O vento soprava de frente.
A cada curva, eu esperava ver algo, ou alguém.
Mas não via.

Senti um cheiro diferente, algo doce e frutado.
Segui o aroma e encontrei uma velha árvore de jabuticaba.
Frutos pretos e brilhantes pareciam pequenas joias.
Enchi os bolsos com o que consegui alcançar.

Caminhamos. Até que as pegadas voltaram.
Frescas, como as da noite anterior.
Dessa vez, iam retas, sem desvios, conduzindo a um corte de pedra que engolia os trilhos.

Um túnel.
Escuro, frio.
Ecoa.
Tudo ecoa.
Não só meus passos.
Sinto arrepios.

Lobo rosnou baixo, olhando para dentro.
A pedra fria pingava em alguns pontos, o som ecoando como passos distantes.

Entrei.
O chão era irregular, com manchas de óleo fossilizadas no cascalho.
A luz foi sumindo a cada passo.
Eu contava mentalmente a distância, tentando não pensar na escuridão atrás.
1,2,3,4…

No fim do túnel, ouvi.
Um ruído seco, leve demais para ser eco meu.
Olhei para trás.

No clarão distante da entrada, uma silhueta.
Se aproximando.
Parecia me observar.

Me abaixei atrás da saída e preparei a machadinha, o corpo colado à parede.
O plano era simples: esperar que saísse, que se aproximasse o bastante.

Mas não houve passos.

Segundos depois, uma voz, atrás de mim:
— Os trilhos não são seguros.
Virei rápido, o coração na garganta.
Uma mulher estava a poucos passos.
Velha o suficiente para ter visto o mundo antes da guerra.
Olhos firmes, cabelo preso, roupas gastas.
Segurava uma espingarda com a mão de quem carrega aquilo há anos.

Ela me encara por alguns segundos antes de dizer o nome, mas não prestei atenção. Notei que não era nome de velha…

Seus olhos subiram para o céu, avaliando algo.
— Mais um ou dois dias.
— O quê? — perguntei.
— Venham.
Começamos andar, ela à frente, Lobo ao meu lado.
— Luna sumiu há quatro dias — disse ela, sem olhar para trás.
— Achei que você estivesse com ela. — Ela completou.
— Onde achou o seu? — Perguntando, interessada.
Olhei para o Lobo.
— Ele me encontrou.
— Sempre assim. Os bons cães escolhem. — Ela disse.

Passamos por um trecho onde a vegetação quase cobria os trilhos.
Ouço um latido, Lobo parou e olhou.
— Luna — Ela disse.
No meio do trilho, Luna, a cachorra, branca, limpa, com medo, frágil.
Presa no trilho.

Ela tenta soltar, não consegue.
Lobo fica o tempo todo bem perto.
Vou soltando um parafuso com um alicate.
Não tenho força, amarro um tecido no alicate.

O parafuso se move pouco, agora está mais fácil.
De novo, 3,2.. Soltou.

A barra se abriu e Luna pulou para o lado, ofegante.
Ela não correu. Ficou ali, encostada em Lobo, como se tivesse esperado por ele esse tempo todo.
A velha passou a mão rápida no pelo da cadela e olhou para cima, para o céu.

Uma faixa esverdeada cortava o horizonte.
Parecia uma nuvem longa, mas não se movia como uma.
— Está vindo mais rápido do que pensei — disse, a voz seca. — Não dá pra ficar aqui.

Olhei para ela, sem entender.
— O quê é isso?
— Ar ruim. E não é só ar.

Começamos a andar, mas dessa vez o passo dela era mais apressado, quase uma corrida contida.

# Capítulo 12 - Casa

A velha não olhava para trás.
Lobo e Luna iam na frente, como se já conhecessem o caminho.
O vento tinha mudado.
Trazia um cheiro ácido. Nariz arde. Boca seca.

A trilha se estreitou, serpenteando por entre árvores retorcidas.
Folhas tinham manchas escuras, como queimadas por dentro.
O som de passos era abafado pelo vento. Algo se aproxima de muito longe.

A casa apareceu de repente.
Madeira velha, placas de metal, quase escondida pela vegetação.
Um galpão vermelho ao lado.
A porta tinha três trancas diferentes, cada uma de um tipo.

Ela abriu empurrando com o ombro e entrou primeiro.
Lá dentro, o ar era frio e parado.
As paredes estavam cobertas por panos grossos, e no canto um filtro improvisado ligado a um tubo que subia para o teto vibrava com um ruído baixo, quase imperceptível.

— Aqui estamos seguros… por enquanto — disse, largando a espingarda sobre a mesa.
O som do vento lá fora parecia aumentar, batendo contra as placas.
— Dois dias, talvez três, até o filtro saturar — falou sem olhar para mim.
— E depois? — perguntei.
Seus olhos foram para o céu pela pequena fresta da janela.

Sobre uma prateleira havia uma foto antiga: uma criança segurando um cachorro.
A velha percebeu meu olhar e virou a moldura para baixo sem dizer nada.

— Antes… como era? — perguntei.
Ela soltou um suspiro. — Antes e durante… não existe muita diferença.
Houve um silêncio curto.
— Meu marido… — começou, sem que eu perguntasse — morreu antes da guerra.. Pelo menos não viu isso aqui. Pelo menos não teve que aprender a respirar com medo. — Ela se virou para o filtro. — E falando nisso… vai ter que me ajudar a consertar.
O filtro fez um ruído mais forte, vento soava diferente, mais pesado.
Ela se levantou, conferiu o tubo, e disse baixo:
— Vai começar mais cedo do que pensei.

Peguei meu diário para anotar, escrevo:

> *Registro: 62*
> *Tempestade*
> *Lobo e Luna*
> *Local: casa da Be…*

— É um diário? Posso ler?
— Sim.
A velha ficou olhando por um tempo antes de falar:
— Satélites caem, alguns caem inteiros, outros se despedaçam no ar, antes da guerra, eles diziam que os satélites iam nos conectar, depois, só nos rastreavam, no fim, só caíram.
— O que a senhora fazia antes da guerra? — Perguntei.
— Cuidava de gente. Crianças, na maioria
— Médica?
— Mais ou menos. Abrigo, quando fecharam as portas, eu fiquei com as chaves.

O som do filtro continuava.
A velha se levantou.
Meus olhos voltaram para a prateleira, onde a foto virada para baixo ficava.

# Capítulo 13 – O Filtro

— Vai me ajudar? — Ela disse, prendendo o cabelo para trás com um nó rápido.
— Esse filtro não vai aguentar até amanhã. Vamos precisar de carvão ativado, pano limpo e óleo de máquina. Aqui não tem.
— E onde tem?
— Oficina, dois quilômetros a sul. Se não tiver lá, tem outra fazenda ao leste.

O vento lá fora uivava, arranhando as placas de metal como garras.
Peguei minha mochila e vi seus olhos passarem por ela — demorando um instante na placa N0M4D3.
— Isso é seu? — perguntou.
— É.

A trilha que saía da casa era estreita e cheia de folhas esfareladas, que se desfaziam ao toque como papel queimado.
No caminho, passei por uma cerca caída, e do outro lado havia um paiol, com as portas quase arrancadas pelo tempo.

Dentro, o cheiro me guia.
Latas enferrujadas, correntes enroladas, caixas de madeira abertas.
No fundo do galpão, vi uma forma coberta por lona.
Puxei.

Era uma moto.

Enferrujada, pneus murchos. Mas ainda era uma moto.
Ao lado: um pano enrolado.
No canto uma lata com óleo.
Em uma prateleira caída, um pequeno saco com carvão escuro.
Enquanto guardava o material, olhei de novo para a moto.

No caminho de volta, o vento trazia um som distante, como um trovão arrastado.
O céu, antes cinza, agora tinha um corte azul esverdeado no horizonte.
Tenho que me apressar.

Quando cheguei, ela colocou o material sobre a mesa e me fez sentar no chão, segurando a base do filtro enquanto desmontava o tubo.
O cheiro que escapou fez Lobo e Luna se afastarem.

Terminei de prender a tampa do filtro.
A velha testou, sem cheiro.
— Agora vamos ter mais alguns dias.

Pela janela, vi uma folha verde pousar no chão.
Em segundos, começou a ficar preta nas bordas.
— Eu vi uma moto lá.
— Pertencia a um homem que nunca voltou — disse ela

Eu olhei para minha placa.
A velha percebeu.

— Se conseguir fazê-la andar, é sua. Mas espere a tempestade!

Olhei para fora, começou.

# Capítulo 14 – Tempestade

Primeiro vieram os pingos.
Não eram claros como chuva.
Eram escuros. Pesados.
Batiam no chão e deixavam manchas que não sumiam.

— O que é isso? — perguntei.
A velha não respondeu de imediato.
Observava o céu, o rosto contraído.
— Acima das montanhas — disse enfim — havia uma instalação militar.
No ataque, a montanha parecia chorar. Esse líquido desceu pelos vales, agora está no céu.

Um pingo caiu perto da soleira.
A madeira fez um som seco, como se tivesse sido queimada.

O vento mudou.
Agora tinha um som grave, como se arrastasse coisas pesadas pelo chão.
A casa tremia em cada rajada.
As placas de metal batiam umas contra as outras, produzindo estalos que pareciam tiros distantes.

— Senta — disse ela.
Puxei um banco e fiquei próximo da parede, sentindo o frio se infiltrar.

Olhei para uma prateleira, tentando desviar a atenção.
Havia um vidro pequeno.
Ela o pegou.
Dentro, um cogumelo cinzento, deformado.

— É comida — disse. — A única que sobreviveu a isso.
Segurou o vidro com cuidado, como se fosse algo vivo.
— Não cresce rápido. Não cresce sempre. Mas cresce.
Abriu a prateleira e mostrou várias jarras de cogumelos.

O filtro no canto emitia um zumbido irregular, lutando contra o ar que tentava entrar pelas frestas.
Lobo e Luna se encolheram no canto, as orelhas baixas.

Outra rajada fez o telhado estalar.
Uma fina nuvem de pó caiu do teto, espalhando um cheiro metálico no ar.
A velha olhou para cima, sem expressão, e depois para mim.
— Não respire fundo.

Lá fora, um som diferente do vento.
Passos? Arrasto? Difícil dizer.
Ficamos em silêncio, tentando distinguir.
O barulho foi se afastando, engolido pelo rugido da tempestade.

— Vai durar a noite toda — disse a velha, a voz quase coberta pelo som do lado de fora.
— E depois? — perguntei.
Trancou a última fresta, apagou a lamparina.
O interior da casa ficou escuro, exceto pela luz fraca do filtro.

— Descanse. — Sua voz soou mais baixa. — Amanhã a gente conversa.

Apaguei, estava exausto.

Acordei antes da luz.
A tempestade estava quase no fim.
O silêncio voltava, tímido.
A velha já estava acordada, observando o céu que clareava devagar.
Lobo e Luna dormiam encolhidos, um ao lado do outro.

— Você vai tentar a moto — disse, sem virar. Não era uma pergunta.
— Sim.
— Se conseguir fazer a moto pegar, vá para o sul. — Ela entregou um pequeno caderno de anotações.
Saí da casa, o ar ainda estava carregado com um leve cheiro ácido.
Lobo levantou a cabeça, as orelhas em pé.
Quando comecei a caminhar, ele se levantou e veio atrás, o passo leve, quase silencioso.
Luna ficou na porta, olhando.

Parei e me agachei ao lado dele.
— Você fica, Lobo. — Minha voz saiu mais firme do que eu esperava.
Ele inclinou a cabeça, os olhos fixos nos meus.
Por um momento, achei que não entenderia.
Mas então ele se sentou, a cauda batendo uma vez na terra úmida.

Como se soubesse.
Toquei sua cabeça, sentindo o pelo áspero sob os dedos.

Levantei e caminhei em direção ao paiol onde a moto estava.
O céu começava a clarear, mas o horizonte ainda carregava uma sombra esverdeada.

Olhei para trás uma última vez.
A casa estava quieta.
Lobo ainda me observava, agora ao lado da velha.
Ela levantou a mão, um gesto curto, quase imperceptível.

Eu acenei de volta.

# Capítulo 15 – Nômade

No trajeto, li algumas anotações.
Peças se encaixavam.

Jéssica, um nome, a garota em que a velha cuidou até o começo da guerra.
Direções, sul e oeste.
Datas, dias, meses, anos.
Motivo, sua filha.

Chegando no paiol, ainda estava como eu deixara.
A moto, coberta de poeira e ferrugem.
Tirei a placa da mochila, limpei a sujeira com a manga, encaixei nos parafusos frouxos. N0M4D3.

Respirei fundo.
O trabalho ia começar.

O tanque estava furado.
Encontrei uma massa grudenta no canto do galpão, restos de selante.
Cobri o furo, pressionei com um pedaço de metal até secar.
O óleo estava turvo, mas dava para usar.

Desmontei o carburador, limpei com um trapo e usei metade da água do cantil.
O cabo da vela estava gasto.
Ajustei com um pedaço de fio que achei enrolado em um prego.

A primeira tentativa: nem sinal.
Vai pegar no tranco.
Na ladeira, com o acelerador aberto e um pouco de óleo no cilindro, a moto acordou com um rugido rouco, tossindo fumaça preta.

O painel não funcionava.
O velocímetro estava quebrado.
Mas o motor girava.
Deixei ligado por alguns minutos enquanto escrevi:

> *Registro: 63*
> *Jéssica?*
> *Sul e oeste*

Ajustei a mochila nas costas, sentei no banco desgastado.
O sol já estava alto, o ar ainda carregava o cheiro ácido da tempestade.
A moto tremeu, reclamando, mas seguiu.

Pela primeira vez em muito tempo, eu não estava a pé.
A estrada à frente estava vazia.
E eu seguia.

N0M4D3, de volta ao mundo.

# Capítulo 16 – Sul e Oeste

Sul, então oeste.
As direções ecoavam na minha cabeça como um mapa que não existia mais.
Jéssica. Um nome solto, preso nas palavras da velha.
Eu devia isso a Velha, Lobo e Luna.
Eu também deveria lembrar do nome da velha, como era mesmo?
A estrada se estendia, quebrada, cheia de destroços: postes tortos, árvores caídas, pedaços de asfalto que pareciam dentes arrancados.

A moto roncava, o motor quente sob minhas pernas.
O tanque estava cheio, por enquanto.
O vento soprava a favor, empurrando o cheiro ácido da tempestade para trás.
Fazia tempo que não sentia isso.

O sol batia forte, mas o céu não estava limpo.

Parei em um trecho onde a estrada se abria para um campo seco.
A vegetação estava diferente—mais viva.
Ao lado esquerdo um campo, trigo.
Desci da moto, o motor chiando enquanto esfriava.

Passei um tempo admirando o local que parecia que a guerra nunca havia chegado ali. O cheiro era limpo, mordi um grão de trigo, puro, perfeito.

*Registro 64*
*Direção: Sul/Oeste*
*Combustível: 1/2*
*Local: Campo de trigo*
*Horário: 1400*
*Vento: sul, quente*

Voltei à moto, mas algo me fez parar.
Um som. Distante, mas claro.
Um latido.
Lobo? Não podia ser.
Olhei para o horizonte, onde o campo encontrava o céu.
Nada. Só o vento balançando o capim seco.
Mas o som ficou na minha cabeça, como um eco que não explica.

Continuei.
A estrada ficou mais estreita, o asfalto dando lugar a terra batida.
A moto reclamava, o selante no tanque segurando por pouco.
Passei por uma carreta tombada, a carroceria enferrujada, portas abertas como uma boca escancarada.
Parei para verificar.
Dentro, latas vazias, um pneu furado.

A moto tossiu, o motor falhando por um instante antes de voltar.
— Aguenta.

O sol já começava a se inclinar para o oeste.
Eu seguia sul.
O campo de trigo deu lugar a mais destroços: um carro capotado aqui, uma placa de estrada caída ali, com letras apagadas que diziam algo como "Bem-vindo a [ilegível]".
Bem-vindo ao nada, pensei.

Depois de mais alguns quilômetros, a estrada se abriu de repente.
Um trevo.
Placas penduradas por um fio, balançando ao vento.
Uma apontava para "Sul - Cidade [apagado]", outra para "Oeste - BR 101"

Parei a moto no centro do trevo, o motor roncando baixo enquanto eu tentava decifrar o mapa.

Sul, então oeste.

Mas qual sul? A rampa da esquerda parecia ir para o sul, mas curvava para o leste.
A da direita ia para o oeste e se curvava ao norte.
Ri sozinho, um riso seco que ecoou no vazio.

Sul primeiro, decidi.
Ou seria oeste?

A rampa da esquerda parecia menos perigosa — sem crateras, só algumas rachaduras que pareciam veias estouradas.
Acelerei devagar.

Mas no topo da rampa, parei de novo.

Ouvi algo vindo do oeste.
Ou seria do sul?

Segui para o oeste.
Ou sul.

Tanto faz.

Nômades não seguem mapas.

# Capítulo 17 – Jéssica

Parei no topo de uma ladeira para checar o tanque. Meio vazio.
À frente, a estrada dava lugar a uma rua pavimentada, resquícios de uma vila.
O ar tinha um cheiro de rio próximo: úmido, salobro, misturado com algo metálico.
Lá embaixo, o rio apareceu.
Algo branco flutuava na superfície, preso em galhos.
Desci da moto.
Achei que fosse lixo qualquer
Mas cheguei mais perto e parei.
Duas cavidades escuras, um sorriso torto, quase apagado.

Wilson.

Peguei com cuidado, como se fosse frágil.
Limpei na camisa, "Você de novo", murmurei.
Wilson não respondeu, mas escutava. Sempre escutava.

O rio seguia seu curso, e eu segui o meu.

Casas agrupadas em torno de uma igreja solitária, o sino ainda intacto.
A guerra havia poupado aquilo.

Desmontei e caminhei pela rua principal.
As casas eram numeradas de forma irregular: 12, 34, 56... até 95. Depois, pulava para 200, 210, como se um pedaço inteiro tivesse sido engolido pela terra.

As anotações da velha mencionavam "148".

Mas 148 não existia.
Procurei duas vezes, contornando a igreja, espiando por trás de muros caídos.
Nada. Só poeira e silêncio.
Sentei no degrau da igreja, o diário aberto no colo.
Wilson ao lado, encarando o vazio.

> *Registro ~~Wilson~~ 65*
> *Direção: Oeste/Sul, sei lá*
> *Combustível: no fim*
> *Local: Vila, casa 148?*
> *Horário: 1800*

Por hoje vou dormir aqui
Entrei em uma casa próxima.
Entrei devagar, o chão rangendo sob as botas.
O ar era denso, cheiro de poeira e mofo
Achei uma vela, acendi com dificuldade, estava molhada.
Comecei a ler bem as anotações da velha.
Peças ainda não se encaixavam.
Por que ela abandonou a filha quando começou a guerra?
Por que não foi junto?
Qual a doença?
Qual a cura?
E a maior dúvida, para onde foi?

Nas anotações sobre a doença de Jéssica, a letra dela ficava mais apertada:
*"Convulsão, Calor no peito. Olhos vermelhos. Tremores. Respiração curta."*
*"Fungos cinza-claro ajudam. Febre diminuiu. Tremores param."*
Então, quando virei a folha, um recorte caiu:

*"Cientistas Buscam Cura em Fungos Simbióticos"*

Então comecei a ler.

*"Uma equipe de pesquisadores está explorando o potencial de fungos simbióticos. O estudo, liderado pela Dra. Beatriz.."*

É a ela!

Retorno aos meus registros:

*Registro: 62*
*Tempestade*
*Lobo e Luna*
*Local: casa da Be...atriz*

*"...causou polêmica devido ao método de inoculação dos fungos diretamente na corrente sanguínea dos pacientes. A Dra. defende a técnica, afirmando que é a única forma de combate à doença. O primeiro caso clínico, a jovem de 17 anos, demonstrou uma melhora drástica após o procedimento."*

E começo um novo:

*Registro: 66*
*Dra. Beatriz, mãe de Jéssica*
*Cogumelo cinza-claro, cura?*
*Doença?*
*Sintomas: Convulsão, febre, respiração*
*Local, casa perto da igreja.*

Na casa encontrei um vidro de pepino em conserva, comi alguns, guardei o resto.
Achei uma foto de uma criança brincando com a mãe em um parquinho.
Uma carta. No final. Direção.
*"Hospital"*
Eu respirei fundo, torcendo que quem quer que fosse, tivesse chegado ao hospital.
Adormeci olhando pela janela.
Wilson ficou no sofá.

Pela manhã, comi mais um pepino e saí da casa.
Olhei para trás e vi, número 48.

Peguei meu registro para anotar e vi no chão, caído, número 1.

# Capítulo 148

A igreja ficava numa pequena elevação.
O sol estava fraco, tímido.
Do topo, pude ver ao longe uma construção larga, cinza, com janelas quebradas refletindo o céu nublado.

Hospital.
Essa foi fácil — pensei.

Encaixei Wilson na alça da mochila.
A moto tossiu ao ligar, um ronco fraco, quase resignado.
Primeira marcha, segunda, terceira, quarta.
O motor apagou de repente.

Gasolina.
Desliguei, olhei para trás.
Quinhentos metros? Talvez menos.

Continuei a pé.
O horizonte encurtava com cada passo, mas o hospital não demorou a crescer diante de mim.
Era alto o suficiente para guiar meus olhos o tempo todo.

Eu sentia que estava perto, que Jéssica podia ser salva.

A fachada estava descascada, as portas de vidro quebradas, as letras “HOSPITAL MUNICIPAL” apagadas pelo tempo e fuligem.
O vento que vinha de dentro cheirava a metal, mofo e… algo mais.
Nem a máscara de gás conseguia evitar.

Atravessei a entrada.
O som de algo caindo ecoou no corredor.
Corri.
Olhei para o lado, depois para cima.
Nada.

Primeiro piso.
Corredores estreitos, luz fraca filtrada por janelas imundas.
Banheiros quebrados. Salas com portas emperradas.
Papéis espalhados no chão, formulários virados, nomes borrados pela umidade.
Procurei por “Jéssica” em cada folha. Nada.

No segundo piso, o cheiro mudou.
Um calor abafado me envolveu, carregando um odor podre que parecia grudar na pele.
A primeira porta… não consegui atravessar.
Corpos empilhados, pele cinza, membros retorcidos.
A segunda sala, igual.
A terceira… igual.

A janela no fim do corredor tinha um pássaro pousado.
Ele me olhou, bicou o vidro, voou.
O som que veio depois não era dele.
Era de outra sala.

Empurrei a porta.
No canto, uma cama metálica.
E nela… alguém.

Frágil. Magra ao ponto de os ossos marcarem o lençol.
Respiração curta, quase inexistente.
Uns papéis no pé da cama: “Júlia”.

Empurrei a maca pelo corredor até a entrada.
Fiz perguntas. Nenhuma resposta.

Tentei água. Escorreu pelo canto da boca.
Voltei para dentro, seguindo a sinalização apagada até o setor de medicamentos.
Prateleiras derrubadas. Vidros quebrados.
Achei ampolas de adrenalina, morfina… Meldonium.

Meldonium.
Circulação. Coração.
Talvez…
A mão dela estava fria.
O peito, parado.
Apliquei o Meldonium sem pensar duas vezes.
Um segundo de silêncio.
Depois, um suspiro.
Vamos torcer.

Empurrando a maca pelos corredores, vi um painel.
No meio, um recorte de jornal chamou minha atenção:

*"…se tornou a doença… A Dra. Beatriz está sob investigação por negligência e por colocar em risco a vida de sua própria filha ao submetê-la a um experimento sem precedentes. A Dra. Beatriz não foi encontrada para comentar…"*

Parei.
O corredor pareceu mais longo, mais frio.
As peças se encaixaram.

Jéssica morreu.

O cogumelo falhou.
Eu falhei.

Anotei no diário:

> *Registro: 67*
> *Jéssica morreu.*
> *Cogumelos*
> *Local: Hospital*
> Júlia*, desacordada*

Febre alta.
Tremores.
Júlia estava aqui, eu podia fazer algo.

# Capítulo 19 - Júlia

Ela abriu os olhos devagar, como quem atravessa um sonho ruim.
A boca se mexeu, mas nenhum som saiu.

Nos pulsos, marcas escuras.
Linhas que pareciam veias, mas não eram.
Ramificações finas, quase prateadas sob a pele.

Ela piscou lentamente, os olhos tentando focar.
O ar entre nós parecia mais pesado, quase espesso.
Tossiu, o corpo inteiro sacudindo, como se cada golpe viesse de dentro.

Comecei a vasculhar gavetas e armários.
Qualquer coisa que dissesse quem ela era.
Ou o que tinha.

Encontrei um cartão plastificado preso com fita no pé da maca.
Tipo sanguíneo: AB +.
Ela precisava de sangue.

As poucas bolsas que achei estavam turvas, cor de ferrugem antiga.
Mortas, como o hospital.

Olhei para meu braço.
Depois para ela.
Os olhos dela me seguiam, fracos, mas presentes.

Achei tubos, agulhas, um suporte de soro enferrujado.
Tudo sujo demais. Escolhi o que estava menos.
Passei álcool de um frasco aberto, o cheiro ardendo no nariz.

Sentei ao lado da maca.
A agulha entrou com um estalo seco na pele.
O furo queimou.
O sangue correu — o meu sangue — pela mangueira, pingando na veia dela.

Por um momento, nada mudou.
Depois, um leve rubor começou a voltar ao rosto.
A respiração, antes rasa, ficou mais funda.
Os dedos tremeram.

Ela abriu os olhos outra vez.
Ainda fraca demais para falar, mas olhava para mim de um jeito diferente.

Como se quisesse dizer alguma coisa que o corpo não deixava.

Peguei o diário.

> *Registro: 68*
> Júlia — *AB+*
> *Transfusão improvisada*
> *Respiração melhor*
> *Hospital*
> *Seu sangue, meu sangue*

Fechei o caderno.
Fora, o vento mudava.
E eu sabia que não poderíamos ficar ali por muito tempo.

Comecei a procurar algo para levá-la.
Pelas alas vazias, encontrei macas quebradas, cadeiras com rodas presas pela ferrugem, berços de metal enferrujados.
Tudo pesado demais, ou inútil.

No depósito, atrás de caixas viradas e um armário caído, vi o carrinho de mão.
A pintura descascada deixava o ferro exposto, e a roda fazia um som seco ao girar.
Pensei se aguentaria o caminho.
Não havia escolha.

Dobrei um colchão e fiz um assento improvisado, ajeitei Júlia como pude.
Ela gemeu baixo quando a movi, mas não abriu os olhos.

O hospital ficou para trás como uma sombra maldita.

Empurrei devagar no início, sentindo o peso dela e o meu.
O ar lá fora era mais frio do que antes.

No horizonte, nuvens espessas formavam um muro que se movia devagar.

Se aproximando, era inevitável.

Outra tempestade.

# Capítulo 20 - Ajuda

Não ia conseguir sozinho, precisava de ajuda, a Dra.
Não voltei pelo mesmo caminho.
O caminho pela esquerda, atravessando a floresta, parecia ter trilhas.
Mais curtas… e mais perigosas.
Não temos tempo.
Agora era terra batida, cheia de buracos.
O carrinho oscilava, o som metálico ecoando pelas árvores.

De vez em quando, Júlia abria os olhos e me olhava.
Eu tentava sorrir, mas acho que só mostrava os dentes, cansado.

— Água… — ela murmurou, ou foi isso que entendi.
Parecia mais um pedido que um sussurro.
Encostei o cantil nos lábios dela, molhando aos poucos.
Ela tossiu, mas engoliu.

Seguimos.

Eu, o tempo todo olhando o céu.
O vento aumentou.

A borda das nuvens no horizonte estava tingida de um verde estranho.
O ar trazia um gosto metálico na boca, uma pressão nos ouvidos.

— Tá chegando… — falei para mim mesmo.
Júlia fechou os olhos.

Atravessei um trecho de mato alto.
O carrinho atolou uma vez, quase tombou.
Segurei com força, senti o ombro arder.
Continuei.

A cada curva, o mundo parecia mais estreito.
O vento agora vinha em rajadas, arrastando poeira fina que grudava na pele.
Coloquei a máscara de gás nela.

— Quanto… falta? — ela perguntou, sem abrir os olhos.
— Falta pouco, Júlia
Silêncio.
— Conheço uma médica, ela vai conseguir te ajudar — eu disse.

Mais alguns metros e a voz dela voltou, fraca:
— Meu nome… não é Júlia.
Parei.
— Jéssica — ela disse.
Olhei para ela.
Os olhos estavam abertos agora, fixos nos meus.

O vento bateu forte no mesmo instante, jogando poeira nos meus olhos.
Pisquei, engoli seco.
Não havia tempo para perguntar nada.
A tempestade estava vindo, e rápido.

Apertei o cabo do carrinho e continuei a empurrar.
O ar estava mais pesado.
Ou eu estava.
Senti regenerado, ainda dava tempo.

# Capítulo 21 – Última Noite

O vento aumentava a cada passo.
Não era só o frio que mordia a pele — era o ar em si.
O gosto metálico era diferente das outras vezes.
Muito pior.

A trilha se perdeu entre pedras e raízes.
O carrinho de mão pulava, rangia, quase tombava.
Cada vez que ele travava num buraco, eu sentia o corpo inteiro reclamar.

Jéssica estava encolhida, o pano sobre ela tremulando, tentando escapar.
De vez em quando, ela abria os olhos por um instante, como para conferir se eu ainda estava ali.

O céu, agora impossível de escapar.
Havia um zumbido profundo que vinha de dentro das nuvens, constante, quase hipnótico.
Quando encontrei um trecho mais plano, parei.
Os músculos dos braços e das costas gritavam.
Eu já não sentia os dedos da mão.

Tinha uma árvore, quebrada.
Montei um abrigo improvisado prendendo as pontas nas raízes expostas.
Coloquei Jéssica lá, o efeito do Meldonium já estava passando.

Tirei Wilson da mochila e o coloquei nas mãos dela.
— Ele escuta. — minha voz soou fraca, mas ela entendeu.
Ela segurou Wilson como se fosse frágil, os dedos ainda trêmulos.
— Vamos esperar.

A cada rajada, a poeira fina queimava os olhos e a garganta.
Senti gosto de sangue.

Olhei para Jéssica.
A máscara estava firme no rosto dela.
Eu não tinha outra.

Puxei o pano do meu pescoço, tentando cobrir a boca, mas não resolveu.
O ar entrou quente, pesado, denso, como se fosse líquido.
Senti a queimação descer pela traqueia até o peito.

Tosse.
Primeira, com gosto de sangue.
Segunda, com sangue.
Terceira, com uma pontada que fez minha visão turvar.

— Vai… passar — falei, mais para mim do que para ela.

Ela estendeu a mão por baixo do pano, tocando meu braço.
O toque era fraco, quase nada, mas me fez continuar sentado ali, protegendo a entrada do abrigo com o corpo.

A tempestade não diminuiu.
As horas perderam forma.
Entre tosses, percebi que minha respiração estava mais curta, mais lenta.
Não conseguia abrir os olhos.

Quando finalmente o vento começou a ceder, minhas mãos tremiam demais para segurar o cabo do carrinho.

Tentei apoiar ela em mim, mas as vezes sentia que eu me apoiava nela.
Ela colocou minha mochila.

O mundo parecia girar.
Caminhamos.
Caímos.
Levantamos.

O telhado da casa da velha apareceu distante.
— Chegamos… — murmurei.
Foi quando vi.
Telhado destruído, filtro no chão, a casa não aguentou.

Dei dois passos.
Depois mais um.
E caí.

Deitado na lama fria, vi Jéssica tentar me levantar, Wilson rolando no chão.
Ela tentou muito, mas eu não permiti.
Então ela cambaleou, mas continuou andando na direção da casa.

Eu estou morrendo.

A morte não é como eu imaginava.
Não há túnel, nem luz. Não há escuridão.
Tudo fica um vermelho profundo.

Não há pressa.

Não há dor.

Não há nada.

O som desapareceu por último.

E então — nada.

Nenhum último suspiro.

Só o vazio.

Foi então que entendi, a história não era sobre mim, era sobre ela.

# Capítulo 22 – O que sobrou

Então vi.
No canto do olho, um vulto.

A velha, ou melhor, Beatriz.
Cabelo preso, espingarda na mão, como da primeira vez.
Ao lado, Lobo e Luna, as orelhas em pé, os olhos fixos em mim.
Não estavam mortos.

O galpão vermelho, com o telhado inteiro, — eles deviam estar lá dentro quando a tempestade destruiu a casa.
A velha levantou a mão, como naquele último aceno.

Era real? Ou só minha cabeça, misturando memórias com o que eu queria ver?
Jéssica parou na frente de sua mãe.
Virou-se, olhou pra mim.

Lobo veio até mim, soltou um latido baixo, quase um lamento.
Luna veio também e ficou ao seu lado, tremendo, como naquela vez nos trilhos.
A velha se aproximou, só me encarou, os olhos firmes, como se soubesse.
Como se sempre soubesse.

O céu clareava devagar, como se o mundo tivesse prendido o fôlego.

Não era o fim.
Não pra mim.
Não pra você.

Eu sei que você está me ouvindo.
Eu sobrevivi.
Não sei como.
Talvez o Meldonium, talvez o sangue que você me deu, talvez a teimosia de não deixar a história acabar ali.

Lobo e Luna não saíram do seu lado.
Eu também não.
A minha mãe — me carregou até o galpão vermelho.

O galpão estava intacto, como você viu.
Lá dentro, tinha suprimentos, anotações, frascos com aqueles cogumelos cinza-claros que ela usou em mim.
A cura não era perfeita, mas funcionou o bastante.
Minha respiração voltou, os tremores pararam.

Mas eu estou viva.

Eu te vejo em tudo, sabia?
No jeito que o vento balança o trigo seco, no latido rouco do Lobo, na tremedeira da Luna quando o céu escurece.
Queria te falar, eles tiveram filhotes, três.
Dois machos e uma fêmea.
Luna cuida deles como se fosse carregar o mundo nas costas.

Reconstruímos o que sobrou.
O galpão virou nosso ponto de parada, um lugar onde outros passam, trocam histórias, suprimentos, pedaços de mapas que não levam a lugar nenhum.

Eu anoto tudo, como você fazia.
Registro 69, 70, 71... cada um com um pedaço do que aprendi contigo.

A história não era sobre você, você disse. Era sobre mim.
Mas você tava errado.

Era sobre nós dois.

Sobre o que a gente carregou, sobre o que a gente perdeu.
Sobre o que sobrou.

Eu sigo, porque você me trouxe até aqui.

E enquanto eu respirar, você vai estar nesses registros, nessas pedras, nesses latidos.
Seu sangue é o meu sangue.
Você vive.

Um dia eu terei minha moto, a placa você já sabe.

E o destino?
Sul, então oeste.

Sempre.

*Registro 78*
*Local: Memorial na colina*
*Horário: 1800*
*Vento: sul, quente*
*Lobo e Luna têm três filhotes.*
*Obrigada.*